

ENSINO DE GÊNERO DISCURSIVO: A PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL

LÍVIA NASCIMENTO ARCANJO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA),
PAMELA MEDEIROS DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA).

Resumo

No presente trabalho analisaremos a construção de conhecimentos acerca do gênero primeira página de jornal (PP) por alunos matriculados entre o 2º e 5º ano do ensino fundamental. Os sujeitos são organizados em grupos com até 6 (seis) integrantes e acompanhados por professoras-bolsistas, alunas dos cursos de Letras ou Pedagogia, em dois encontros semanais de 1h30min de duração cada um. O acompanhamento é realizado no Laboratório de Alfabetização, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. O espaço físico do Laboratório é organizado com base nos princípios do método montessoriano, o qual propõe que a sala seja voltada para o aluno, propiciando-lhe maior autonomia para trabalhar com os recursos didáticos ali oferecidos; aspecto que contribui para o processo de aprendizagem. As estantes que compõem a sala foram dispostas considerando-se as diferentes esferas comunicativas, quais sejam: vida prática, literária, publicitária, jornalística, científica e outras. Sendo assim, os materiais pedagógicos disponíveis nas estantes favorecem o desenvolvimento de uma série de atividades de leitura e escrita, relacionadas de forma gradual, durante o estudo do gênero visado. O corpus analisado é composto por gravações em áudio, produções escritas e diários de observação elaborados pelas professoras-bolsistas. Os resultados da pesquisa revelam que tanto a organização metodológica do Laboratório de Alfabetização e da seqüência didática, quanto a mediação das professoras, contribuem de forma decisiva para a compreensão e produção coerente do gênero primeira página.

Palavras-chave:

Ensino de gênero, Primeira página do jornal, Produção escrita.

1. Introdução:

O presente trabalho discute a aquisição de conhecimentos acerca do gênero primeira página do jornal por crianças regularmente matriculadas entre o 2º e o 5º ano do ensino fundamental, de uma escola pública da cidade de Juiz de Fora. As crianças formam grupos de, no máximo, seis integrantes, sendo que são encaminhadas pela escola e orientadas por professoras-bolsistas, dos cursos de Letras ou Pedagogia, que coordenam os atendimentos que acontecem no espaço no Laboratório de Alfabetização/NUPEL/UFJF, em dois momentos na semana, com 1h30min de duração cada um. Os dados coletados para análise advêm da observação de dois grupos, sendo que um deles é composto por seis alunos matriculados no 5º ano do ensino fundamental e o outro por seis alunos de uma turma multi-seriada – 2º e 3º anos - da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O objetivo dos encontros é promover uma reflexão acerca do uso da linguagem como meio de inter-ação social (KOCH, 2006) visando aprimorar a competência sócio-comunicativa dos envolvidos a partir de um trabalho com diferentes gêneros textuais. Para essa atuação, incentivamos que eles se tornem leitores dos próprios textos e, assim, sejam capazes de adequar suas produções aos contextos comunicativos em que estão inseridas. Essa proposta é efetivada por meio do planejamento, da leitura, da revisão, da reescrita de textos a partir dos conhecimentos que têm do gênero e dos exercícios pontuais sobre o uso dos recursos linguísticos adequados ao gênero discursivo estudado.

A disposição dos materiais e a organização do espaço físico do Laboratório de Alfabetização recebem influência montessoriana. Sendo vários os cuidados prescritos na utilização do material apresentado, como por exemplo, o fato de que na sala, deve haver apenas um exemplar de cada material; as atividades e os materiais devem ser graduados por ordem de dificuldade (do mais simples ao mais complexo); em alguns momentos, as crianças podem escolher qual atividade irão desenvolver.

Com base nessa metodologia, as estantes do Laboratório estão divididas em três áreas: vida prática (materiais relacionados à limpeza do ambiente e materiais de jardinagem), linguagem (estante com as gavetinhas dos sons, outra com os alfabetários e diferentes matérias sobre gêneros textuais) e educação cósmica - ciências, história e geografia (livros relacionados aos animais, ao corpo humano, às plantas, à história da terra e aos mapas).

Para o trabalho realizado com os nossos alunos escolhemos um gênero da esfera jornalística, qual seja, a primeira página do jornal, uma vez que compreendemos que os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, *apud* KOCH, 2006:54) que apresentam características temáticas, composicionais e estilísticas próprias. Essa escolha foi motivada pela ampla abrangência do gênero, dentre as quais podemos destacar as abordagens linguística, cognitiva e referente à construção do conhecimento cidadão.

Embora haja, por parte de alguns profissionais, um esforço para a didatização ou sistematização do jornal na sala de aula, expomos que nosso objetivo não é apresentar um roteiro de atividades esgotadas que preconize, de forma cristalizada, o conhecimento acerca do gênero em questão, mas sim “construir um agente coletivo, capaz de dialogar

e participar da arena política que decide o perfil dos discursos predominantes e decisórios na vida da escola e do próprio país.” (SILVA, 2007:63)

Verificamos, então, que

O ensino com jornais deve almejar sempre as operações do pensamento, analisar, comparar, julgar, sintetizar, produzir pontos de vista, entre outros. Lembrando que o significado maior da leitura nos dias de hoje, pensando na complexidade da sociedade, é o de melhor qualificar as nossas ações, reações e decisões nas diferentes dimensões da vida. (SILVA, 2007:70-71)

As atividades foram organizadas de acordo com a sequência didática (SD) proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a qual se caracteriza como um conjunto de atividades pedagógicas organizadas de maneira sistemática, com base em um gênero textual. A escolha desse instrumento de ensino baseia-se no fato dele permitir que os alunos dominem um gênero de texto de forma gradual, passo a passo; além de trabalhar com a leitura, escrita, oralidade e aspectos gramaticais em conjunto, o que faz mais sentido para quem aprende.

A estrutura de base de uma sequência didática é constituída pelos seguintes passos: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHENEUWLY, 2004, p.98) (**Anexo 1**)

A análise dos dados desse trabalho foi feita a partir do modelo proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, denominado *Paradigma Indiciário*. Essa sugere uma investigação apoiada na observação dos detalhes, dos resíduos, do episódico, do singular; fazendo com que “a partir de dados aparentemente negligenciáveis, possamos remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente” (WARBURG, 1989: 152).

O corpus é composto por gravações áudios-visuais, relatórios de campo, jornais e as produções dos próprios alunos.

2. O desenvolvimento da sequência didática:

No que se refere à apresentação da situação, temos que ela deve fornecer aos alunos o maior número possível de informações para que conheçam o gênero textual visado e a aprendizagem de linguagem a que ele está relacionado.

A produção de gêneros ligados à esfera jornalística foi motivada pelo fato do Laboratório de Alfabetização produzir dois tipos de jornais: um jornal mural editado quinzenalmente e outro, jornal impresso (Primeiras Palavras), editado semestralmente.

O planejamento das atividades foi feito anteriormente à sua aplicação. Visando uma melhor compreensão do gênero por parte dos alunos, as atividades propostas foram pautadas em algumas questões que versavam sobre os aspectos linguísticos, estilísticos e composicionais do gênero primeira página.

Sendo assim, na apresentação da situação, os alunos puderam observar alguns jornais (Lance, Hoje, Tribuna de Minas, JF Hoje, Primeiras Palavras e Globo) e foram expostos a algumas questões a fim de descobrir quais os conhecimentos prévios que eles tinham acerca do gênero estudado.

As questões foram:

- a) O que é o jornal?
- b) Vocês conhecem algum jornal?
- c) Vocês já tiveram um contato com esse gênero anteriormente?
- d) Qual a finalidade da Primeira Página de um jornal?
- e) Onde é possível encontrarmos jornais?
- f) Quais os temas mais encontrados nos jornais?

Pudemos notar que as respostas dadas nos revelaram o contato superficial com o gênero, visto que, na maioria das vezes, ele havia sido introduzido pela escola e, raramente, houve continuidade em casa ou em outros contextos sociais.

Dessa forma, percebemos que a cultura letrada, para muitos deles, ainda é uma novidade, fato que foi constatado a partir da observação da dificuldade que tiveram em associar o conhecimento de mundo às atividades de leitura e compreensão do texto jornalístico.

Para trabalhar esses aspectos, foi desenvolvida uma atividade vocabular denominada “Ficha de conhecimento do gênero” através da qual os alunos puderam ter contato com informações do tipo: finalidade do gênero, perfil dos interlocutores, tema, suporte/veículo, estrutura e linguagem.

Ao mesmo tempo em que a apresentação da situação investiga os conhecimentos dos alunos, ela os prepara para a produção inicial. Nessa atividade, os alunos produzem um texto oral ou escrito do gênero textual que está sendo trabalhado. Essa produção tem papel regulador da sequência didática, tanto para o aluno com para o professor.

Através da análise da produção inicial, o docente tem a possibilidade de descobrir o que seus alunos já sabem sobre o gênero e quais os aspectos que ainda precisam ser aperfeiçoados.

Levando em conta que o nosso objetivo não era fazer com que os alunos produzissem uma primeira página, mas sim, proporcionar-lhes uma experiência com o jornal, não propusemos a atividade da produção inicial. Apenas apresentamos o gênero de uma maneira rica e desenvolvemos atividades que priorizassem o desenvolvimento das habilidades de leitura e reflexão sobre textos.

Sendo assim, passamos às atividades dos módulos que aprimoraram a atividade reflexiva do aluno acerca do texto com o qual estavam trabalhando. Como a PP é um suporte que contém uma ampla diversidade de temas e características peculiares, decidimos trabalhar pontos que percebemos ser interessantes para incentivar a proposta do ensino de gênero.

É preciso salientar que, nas atividades propostas para a escrita, nos atentamos para as necessidades e capacidades dos alunos. Sendo assim, elas não poderiam ser muito sofisticadas, logo que observamos as potencialidades de cada um e, não queríamos causar um conflito entre o sucesso na realização do exercício e a auto-estima de cada um deles.

A primeira das atividades (*módulo I*) foi o “Falar Bem”, na qual o aluno deveria associar cada elemento da PP à sua definição. O objetivo dessa atividade era apresentar aos alunos os elementos característicos do gênero estudado e proporcionar-lhes o conhecimento acerca da função deles dentro do texto.

Durante a movimentação em sala foi possível notar que, provavelmente, a preconização das atividades metalinguísticas – aquelas que versam sobre as ações da linguagem – na escola regular, fez com que os meninos tentassem decorar as definições e não formular os conceitos.

Levando em conta que o processo de definição “lida com o produto acabado da formação de conceitos, negligenciando a dinâmica e o desenvolvimento do processo em si” (VYGOTSKY, 1998:65), percebemos que

Somente o domínio da abstração, combinado com o pensamento por complexos em sua fase mais avançada, permite à criança progredir até a formação de conceitos verdadeiros. Um conceito só aparece quando os traços são sintetizados novamente, e a síntese abstrata daí resultante torna-se o principal instrumento do pensamento (VYGOTSKY, 1998:98).

O interessante dessa atividade é que ela foi confeccionada como um jogo, permitindo que os alunos o manuseassem, com o objetivo de facilitar a correspondência entre a definição e o respectivo elemento a partir do suporte presente em sala.

Em seguida, para instigar a formulação do conceito, uma vez que foi proposta apenas a definição na atividade anterior, desenvolvemos o “Jogo da memória” (*módulo II*), uma das atividades mais envolventes para os alunos. Notamos que o uso do gênero como ferramenta de auxílio para os alunos contribuiu de maneira significativa para o êxito da atividade. Isso porque percebemos que o signo só adquiria significado quando inserido em contexto.

As atividades iniciais preconizaram a reflexão oral. Posteriormente a essa contextualização, começamos a trabalhar a escrita com a formulação do “Dicionário da Primeira Página” (*módulo III*). Esse dicionário serviria de ferramenta de consulta para as atividades posteriores e, com ele, poderíamos constatar o processo de definição que cada aluno havia desenvolvido.

Percebemos que alguns elementos, tais como a foto e o fio data foram de fácil compreensão para os envolvidos. A hipótese que temos para tal constatação é a presença da foto em outros suportes que não o jornal e, no caso do fio data, a nomenclatura do elemento já induz o aluno à sua forma, pois que, quando indagados acerca do conceito de “fio data”, eles, na maioria das vezes, respondiam: “*É onde tem a data!*”

Verificamos, então, que a definição dos elementos em questão foi feita de forma mais espontânea, sendo eles, conceitos já internalizados pelos alunos (**Anexo 2**).

Estabelecida a reflexão vocabular e, tendo os conceitos apreendidos, os módulos subjacentes versaram sobre a produção de folhetos (*módulo IV*). Esses folhetos simulavam PPs nas quais os envolvidos na pesquisa deveriam encontrar o(s) elemento(s) faltoso(s) e completá-los levando em consideração todo o conteúdo exposto. Dividimos os folhetos em sete graus de dificuldade, sendo que no primeiro apenas um elemento estava incompleto e no último seis deles assim estavam.

Não analisaremos todos os folhetos em vista do tempo que nos é concedido. Selecionamos alguns que julgamos ser interessantes para compreender as hipóteses mais significativas que os alunos formularam durante essas atividades.

O intuito dessa análise é observar como o contexto vivenciado pelos alunos influencia nas escolhas que fazem para a produção e como a mediação da professora – tanto no momento da atividade, quanto posteriormente a ela – é de fundamental importância, visto que a seqüência didática não é um recurso estático.

Temos, então, o primeiro folheto do qual subtraímos o elemento cabeçalho, composto pelo logotipo e pelo fio data.

De acordo com o gráfico (**Anexo 3**), comprovamos a hipótese levantada acerca da facilidade de reconhecimento do elemento fio-data, visto que nenhum, dos dez alunos que realizaram a atividade, se esqueceu do item “data”, fato que não ocorreu, por exemplo, com o item “site”, inexistente em todas as produções. Tal exclusão pode estar ligada tanto ao fato dos alunos não terem contato com computadores ou internet na vida cotidiana, quanto pela falta de espaço para preencher o elemento.

Curiosa foi a maneira que encontraram de imprimir identidade aos folhetos, visto que em 60% deles continha o fundador do jornal coincidente com o próprio aluno.

O nome do jornal – logotipo – também foi preenchido por todos. Entretanto, a maioria não fez uma diferenciação das letras do elemento, apenas deu um nome ao jornal, não se preocupando em destacá-lo do restante da página.

Pudemos notar que essa produção foi muito influenciada pelos suportes-modelos (jornais trabalhados e discutidos em sala). Por exemplo, a grafia, por um dos alunos, do ano do jornal em números romanos, ou até mesmo a apropriação do nome de um dos jornais da cidade (Tribuna de Minas). Apesar disso, o objetivo da atividade foi cumprido: fazer com os alunos percebessem o gênero em seu sentido amplo. Como foi no caso do preenchimento da data. A escolha do dia não era aleatória. Havia uma nota na PP que dizia: “*Amanhã, dia 22 de abril, não haverá edição*”, pista para que o aluno compreendesse que o jornal deveria ser datado do dia 21 de abril. A maioria dos alunos percebeu a pista.

No segundo folheto subtraímos o item manchete. Nesse momento, fizemos uma adaptação na SD, porque foi observada certa dificuldade por parte dos alunos em produzir enunciados formais como a manchete. Sendo assim, resolvemos fazer, primeiramente, uma reflexão oral acerca do elemento e, em seguida, uma produção oral desse.

Os alunos receberam um folheto com uma foto que retratava uma manifestação nas vias públicas da cidade. Imediatamente, relacionaram o fato com a situação vivenciada por eles no momento – a greve dos professores municipais. A partir daí, hipóteses foram elaboradas para a leitura do lide. Essa reflexão foi pautada nos seis questionamentos básicos respondidos pelo lide (O quê? Quem? Quando? Onde? Por quê? Como?) a fim desenvolver uma análise crítica do fato retratado na foto.

Após a leitura do lide, refutação e apropriação das hipóteses levantadas, os alunos produziram oralmente uma manchete para o folheto. A escrita foi feita pela professora, quando solicitada.

Em seguida, um segundo folheto, com uma foto diferente da do primeiro, foi entregue a eles. Dessa vez, a reflexão oral foi menos extensa e eles deveriam produzir a manchete por escrito. **(Anexo 4)**

Analisando essa produção, vimos que a preocupação com os elementos lingüísticos sobressaiu aos elementos organizacionais do gênero.

Em geral, as manchetes são escritas em períodos simples, com uma única oração, na ordem direta da língua portuguesa (Sujeito – Verbo – Complemento) e com

verbo no presente do indicativo da voz ativa. Sendo assim, temos que os sujeitos das manchetes, em sua maioria, são agentes.

Todavia, em alguns casos, tivemos o emprego de uma estrutura em que o sujeito agente – um indivíduo capaz de fazer a ação verbal – não estava referindo-se a uma única pessoa, mas, sugerindo através de fatores implícitos, que a ação foi conjunta como em:

- (1) “A polícia civil prendeu 22 vinte e duas pessoas”
- (2) “Cursinho realiza ações para aliviar a tensão”
- (3) “A população paralisou o trânsito de Juiz de Fora”

Em (1), percebemos que, aparentemente, toda a polícia civil prendeu as vinte duas pessoas, o que não sabemos ser verdade. Além disso, temos aqui a transgressão da convenção em que o verbo da manchete se apresenta no presente do indicativo, nesse caso, foi empregado no pretérito perfeito, o que é comum no interior da notícia. A hipótese que motivou o aluno nessa escolha foi o fato de que o acontecimento já havia ocorrido, dessa maneira, o verbo deveria ser empregado no passado e não no presente. Já no exemplo (2), pressupõe-se que ação envolveu todos os alunos e funcionários do cursinho, fato que também gera dúvida. O mesmo que ocorre em (3), visto que não foi toda a população da cidade que participou da manifestação, apenas os interessados na reivindicação.

No terceiro folheto os alunos deveriam preencher o subtítulo. Não analisaremos essa produção, como já mencionamos, devido ao nosso tempo.

Passemos, assim, ao quarto folheto. Nessa atividade, os alunos deveriam reconhecer que não estavam presentes os seguintes elementos: fio-data, manchete, subtítulo e índice.

Analisando o folheto preenchido pelo aluno AM (**Anexo 5**), observamos que, no fio-data, o único item não colocado é o site e, a ausência dele já foi explicitada aqui. Nota-se que é curioso observar a presença do ano do jornal em números romanos,

influência do suporte mais consultado por eles (jornal Tribuna de Minas), que também apresenta esse item nessas condições.

É possível notar a compreensão da relação entre a manchete e o subtítulo e desses elementos com a foto, legenda e lide. Conforme critérios de análise do folheto dois, temos aqui também, um caso de sujeito agente representativo de uma coletividade (*Campanha recolhe roupa e alimentos para Santa Catarina*), a partir do qual sabemos que não é a “campanha” que recolhe os doativos, mas sim, as pessoas responsáveis por ela.

Constata-se ainda, que há uma apropriação do contexto de produção, visto que no lide não era informado qual tipo de doativo seria doado ao estado de Santa Catarina, assim como não constava que as doações seriam destinadas a desabrigados. Essas informações foram inferidas pelo aluno a partir das discussões e demais indícios que o texto lhe oferecia, tais como o trecho: “*Ontem, em SC, forças-tarefa correram contra o tempo diante dos riscos de novos desabamentos*” e a foto, que mostrava a variedade de itens arrecadados.

Com relação ao índice, percebemos que AM estabelece uma coerência entre o nome dos cadernos do jornal, dizendo que o caderno A, seria o “Caderno do Estudante”, já os cadernos B e C não tem outra designação senão a letra do alfabeto.

Os folhetos cinco, seis e sete também não serão analisados nessa exposição também por motivo de tempo.

A atividade proposta no *módulo V* foi a reorganização de uma PP. Fornecemos aos alunos uma folha galvanizada, com os elementos imantados e recortados, dessa forma, os alunos colocaram em prática todos os conhecimentos adquiridos acerca do gênero durante o desenvolvimento da SD e puderam perceber como é feita a estruturação da PP a partir da seleção dos temas, elementos e aspectos linguísticos.

O mesmo foi feito, mais tarde, em uma folha em branco, os elementos foram recortados e os alunos deveriam dispô-los da melhor forma possível, para que se configurasse em uma PP. (**Anexo 6**)

Comparando as duas produções, cada uma delas foi feita por uma turma, temos que a turma do 5º ano colocou em evidência, no topo da página, a chamada principal, deixando a foto para a parte inferior da página, sendo que esse elemento não estava relacionado à manchete. A produção da turma EJA foi diferente, eles escolheram enfatizar a foto, colocando-a na parte superior. Além disso, buscaram não deixar espaços entre os elementos, fato que ocorreu com a outra turma.

A SD é finalizada com uma produção final, que permite ao aluno pôr em prática as noções elaboradas e os conhecimentos adquiridos através das atividades propostas. Com essa produção o professor pode realizar uma avaliação somativa do trabalho.

Na produção final, propusemos o preenchimento do sétimo folheto, em que quase todos os elementos foram suprimidos e os alunos deveriam resgatar todos os conhecimentos adquiridos ao longo da SD.

3. Considerações finais:

Os resultados da pesquisa apontam que as atividades de reflexão oral foram de substancial importância, visto que colaboraram para a organização mental das ideias por parte dos envolvidos, facilitando a transposição delas para o papel.

É importante considerar que a SD não é uma ferramenta estática, dessa forma, possibilita adaptações ao longo de seu desenvolvimento, as quais são realizadas com o intuito de fazer o aluno atingir satisfatoriamente as expectativas com relação ao estudo do gênero.

Tendo como objetivo do ensino de gêneros discursivos, o aprimoramento das capacidades sócio-comunicativas dos alunos, foi possível notar que as atividades que requeriam interação (aluno-aluno e aluno-professor) foram mais bem sucedidas e proporcionaram uma reflexão crítica acerca dos temas para que as atividades individuais tivessem o mesmo resultado.

Tal ocorrência pode ser justificada pelo fato de que durante a interação o aluno desenvolve a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Vemos que, segundo Vygotsky, a ZDP é a diferença entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial da criança. Nesse, estão envolvidas as atividades que elas conseguem realizar a partir da mediação; enquanto que naquele, estão envolvidas as atividades que conseguem realizar sozinhas. A mediação permite que o aluno busque um novo potencial além daquele que já possui. Tal potencial de aprendizado é apresentado pelo mediador – podendo ele ser o professor, o colega, ou a própria atividade.

Assim, aliar o planejamento bem feito da sequência didática à mediação e observação por parte dos professores das necessidades que o aluno apresenta durante o decorrer das atividades, é de suma importância para um resultado satisfatório no ensino.

Referências:

BEZERMAN, C.; DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.) **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Trad. Judith Chamblis Hoffnagel. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 19-46.

BUENO, L. Manchetes de jornais e papéis temáticos: modos de evidenciar os sentidos de texto. **Seminário: O professor e a leitura do jornal**, Campinas/SP, 21 jul. 2009. Disponível em: < www.alb.com.br > Acesso em 19 mar. 2009.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHENEUWLY, J.. Sequência didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: _____. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo (org.) e Glaís Sales Cordeiro (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. Cap. 4, p. 95-128.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

GERALDI, J. W. O sujeito e suas ações lingüísticas. In: **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Cap. 1, p. 15-26.

KOCH, I. G. V. Os gêneros do discurso. In: **Desvendando os segredos do texto**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 53-60.

MOTTA-ROOTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2ª ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006 p. 145-163.

BRITO, K. S. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2ª ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006 p. 145-163.

PAVANI, C.; JUNQUER, A.; CORTEZ, E. **Jornal: uma abertura para a educação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

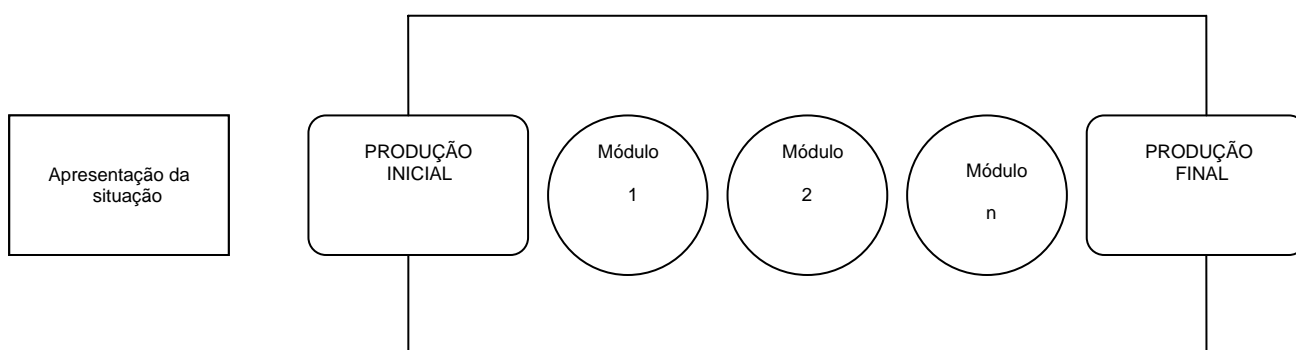
PIETRI, E. de. As práticas de leitura em contexto de ensino as ações do professor. In: **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio Janeiro: Lucerna, 2007.

SILVA, E. T. da. (Org.) **O jornal na vida do professor e no trabalho docente**. São Paulo: Global, Campinas, SP: ALB, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

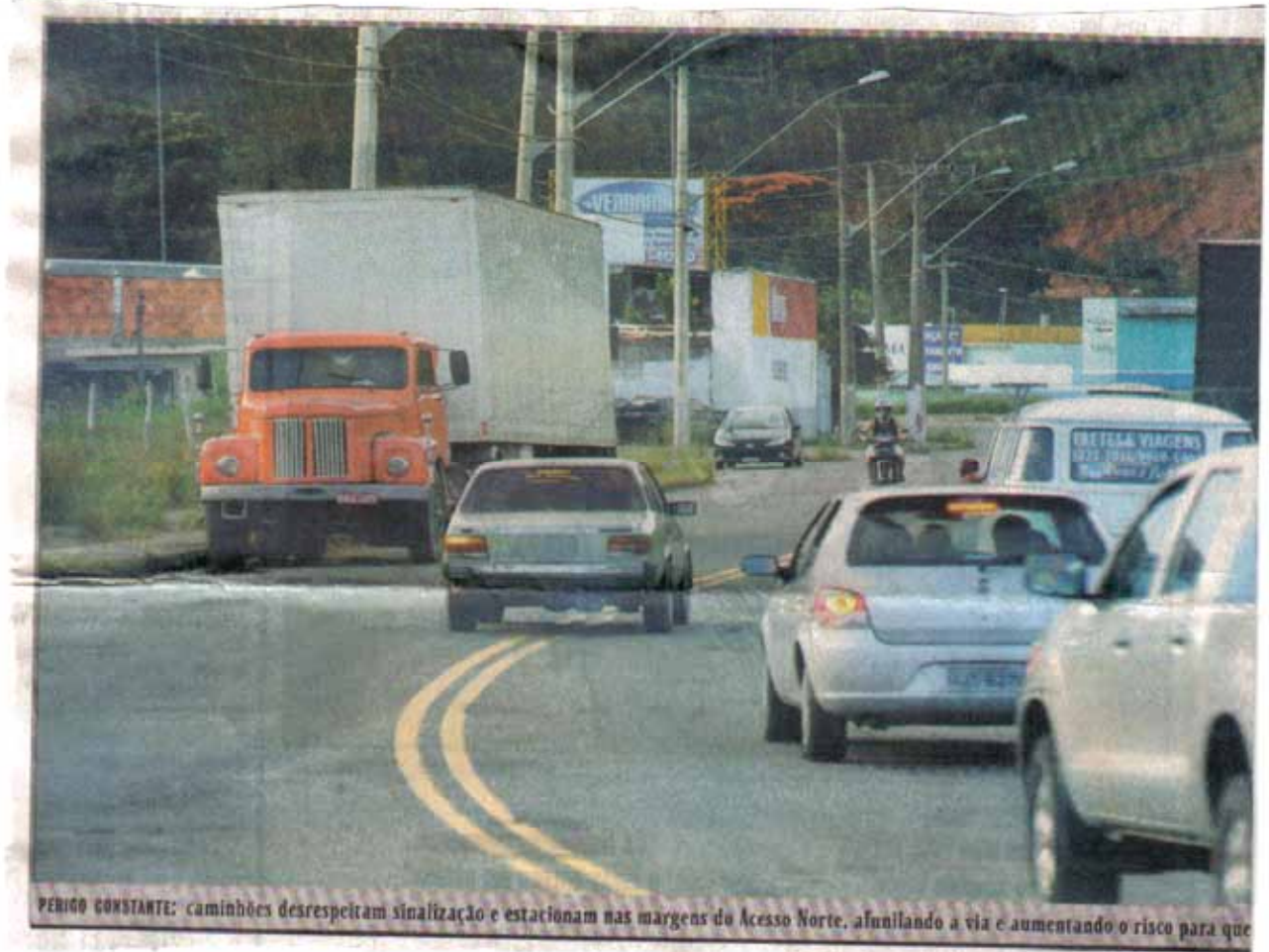
WARBURG, A. Sinais - raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

Anexo 1:



Anexo 2:

Foto: é usada para ilustrar a notícia



PERIGO CONSTANTE: caminhões desrespeitam sinalização e estacionam nas margens do Acesso Norte, afunilando a via e aumentando o risco para que

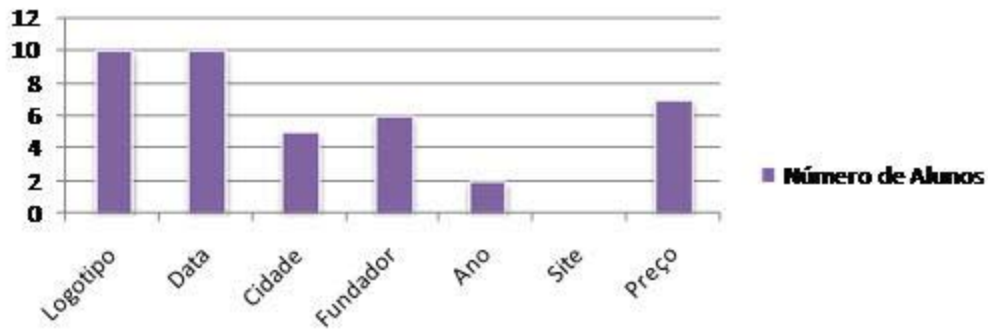
Essa data: No dia da fundação da cidade, o fundador tem o rito e tem o preço

JUIZ DE FORA SEXTA-FEIRA 23 DE JANEIRO DE 2009

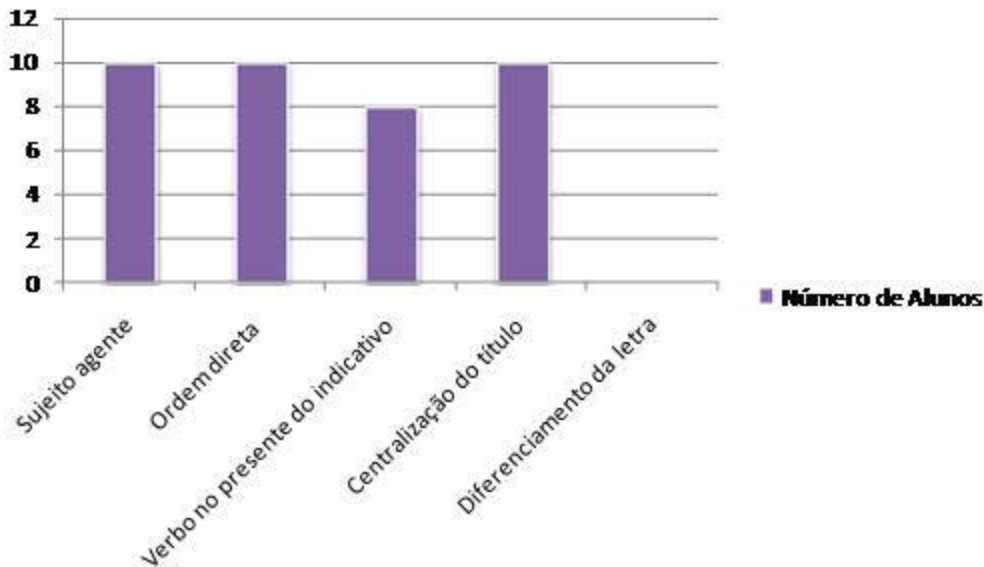
FUNDADOR: JURACY AZEVEDO NEVES

WWW

Folheto 1: CABEÇALHO



Folheto 2: MANCHETE



Tribuna de Minas

FIO DATA data 01 de junho de 2009 preço R\$ 2,00 Antônio Miguel X

MANCHETE Campanha recolhe roupas e alimentos para Santa Catarina

SUBTÍTULO Juiz de Fora arrecada doações para vítimas de deslizamento de SC



SOS Santa Catarina: Denis dos Reis é o coordenador da campanha que enviará a primeira remessa amanhã

Crianças pedem de brinquedos a fisioterapia a Papai Noel dos Correios

Mais de doze mil juizforanos enviaram cartinha ao Papai Noel dos Correios. Além de pedidos de brinquedos e roupas, há solicitações de cadeiras de rodas, sessões de hidroterapia e tratamento dentário. As crianças têm até amanhã para entregar seus pedidos. Já para os padrinhos, o prazo para buscar as cartinhas termina no dia 13.

Página 7

Primeiro dia de vestibular tem provas fáceis

As provas do primeiro dia do Vestibular da UFJF foram classificadas como fáceis por candidatos e professores de cursinhos. Para eles, o nível de dificuldade dos testes de biologia e física caiu em relação aos últimos dois anos. A surpresa foi o exame de língua portuguesa. A COPESE não registrou ocorrências. O índice de ausência foi de 9%.

Página 2

A campanha SOS Santa Catarina realizada em Juiz de Fora, já arrecadou, em quatro dias, cinco toneladas de doações. A primeira remessa será enviada amanhã para Itajaí e Blumenau. Ontem, em SC, forças-tarefa correram contra o tempo, diante do risco de novos deslizamentos. O número de mortos subiu para 116.

Página 5

Ainda de caderno de estudo
10 páginas
caderno B15 páginas
caderno C 20 páginas

ÍNDICE

NESTA EDIÇÃO

Com nova sede, a Bituca: Universidade de Música Popular, em Barbacena, oferece muito mais aulas de música.

Caderno Dots

DÓLAR

	COMPRA	VENDA
Comercial	R\$2.51	R\$2.51
Paralelo	R\$2.32	R\$2.55
Turismo	R\$2.35	R\$2.58



Atividade realizada pelos alunos da turma de quinto ano



Atividade realizada pelos alunos da turma EJA